



Práticas Corporais em tempos de distanciamento social e coronavírus

Nota Técnica 9 - GTT Memórias da Educação Física e Esporte do CBCE

O Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), por meio da sua Direção Nacional e dos seus 13 Grupos de Trabalhos Temáticos (GTTs), tem proposto um processo comunicativo de reflexões e esclarecimentos sobre as práticas corporais em tempos de distanciamento social e coronavírus. A nona nota técnica dessa série de publicações é do GTT 10 – Memórias da Educação Física e Esporte.

O coletivo de pesquisadores que compõe o GTT Memórias da Educação Física e Esporte, em linhas gerais, tem como interesse compreender as diferentes manifestações dos campos da Educação Física e do Esporte, a partir de suportes teórico-metodológicos de diferentes campos disciplinares e suas relações com a história como processo. Nesse sentido, as representações que as práticas corporais estabeleceram ao longo da história da humanidade são analisadas por pesquisadores e pesquisadoras a fim de identificar os sentidos e significados que tais práticas assumiram em contextos específicos. Exemplificamos, entre tantas tematizações possíveis, os usos científicos, médicos, higiênicos, bélicos, artísticos, estéticos, econômicos, políticos e culturais das/nas práticas corporais como objetos passíveis de investigações, análises e interpretações.

Feita essa demarcação inicial, gostaríamos de partilhar algumas reflexões. Entendemos que os saberes implicados nas tematizações acima têm a potencialidade de atuar na produção dos sujeitos, educando e pedagogizando formas de ser e agir. E que, por óbvio, os acontecimentos históricos foram significativos nesse processo. O historiador Antoine Prost, ao falar da articulação entre a vida pública e privada na sociedade francesa ao longo do século XX, demonstrou que a noção de intimidade só passou a fazer sentido quando ocorreu o que chamou de revolução habitacional, já na última década daquele século. Até então, a vida privada individual era definida pelos muros que separavam aquilo que pertencia ao universo doméstico daquilo que era estranho ao grupo familiar. Porém, a noção de intimidade fazia sentido apenas entre aqueles que dispunham de mais espaço em suas residências, o que não se aplicava às camadas populares. Nestas, afirma o historiador, o espaço privado era apenas o espaço público do grupo doméstico, pois os membros da família dividiam o mesmo cômodo, estavam ao alcance uns dos outros, exerciam vigilância permanente entre si. Isso repercutia nas ações ordinárias como trocar de roupa, tomar banho, usar o banheiro e, inclusive, nas relações sexuais. Foi o aumento das moradias e a consequente especialização funcional dos cômodos da casa (sala, quartos, banheiro, cozinha etc.) que criou uma nova configuração para a vida privada, momento em que cada membro familiar passou a desfrutar do seu canto, da sua intimidade.

Talvez, nesse momento de orientação para práticas restritas e remotas, estejamos diante de mais uma dessas reconfigurações do espaço na história da humanidade, ou pelo menos, ressignificando o que estamos chamando incansavelmente de distanciamento social. O embaralhamento entre o público e o privado não é exatamente a novidade. O novo está em como lidamos com a otimização desse processo diante das condições sociais, culturais, econômicas desse nosso tempo, e não de outro.

Desse exemplo, ajustamos nossas lentes a fim de reduzir a escala de análise e refletir sobre outro aspecto. Acompanhamos recentemente que várias competições esportivas ao redor do globo foram suspensas (temporariamente, a princípio...) tendo em vista a pandemia da Covid-19. Alguns estádios de futebol e ginásios de esportes têm sido transformados em hospitais de campanha. Tivemos inclusive o adiamento dos Jogos Olímpicos de Tóquio e do Torneio de Tênis de Wimbledon. O postergar de certames dessa magnitude não ocorria desde a Segunda Guerra Mundial, o que



denota a gravidade da situação contemporânea. Em terras sul-americanas, a Copa América de Futebol também foi adiada para o ano que vem. Tal acontecimento nos faz estabelecer um possível paralelo, recuando mais de um século no tempo, quando, em fins de 1918, o equivalente torneio continental entre seleções de futebol também foi adiado.

Naquele cenário, a chamada Influenza espanhola¹ acometeu com gravidade o planeta. Estima-se que o número de mortes causadas pela pandemia tenha ultrapassado 20 milhões de pessoas; algumas fontes sugerem algo em torno de 50 milhões. Independente da precisão numérica, uma verdadeira catástrofe humana. O cenário de horror, por certo, também assombrou o território nacional, especialmente a partir das cidades litorâneas do Rio de Janeiro, Recife e Salvador, com posterior propagação para São Paulo e outras localidades. O acometimento majoritário da população menos assistida, a morte de diversas personalidades ilustres - inclusive o Presidente da República, Rodrigues Alves -, escancararam a precarização das condições sanitárias, as desigualdades sociais, a deficiência de uma rede de atendimento médico-hospitalar, a urgência em encontrar formas de combater as doenças. Ao mesmo tempo, uma rápida mirada nos registros da imprensa escrita da época parece nos transportar para um cenário tão distante, mas sentido de maneira muito próxima. Vemos a conformação (e a resistência) da população para procurar contornar aqueles tempos de incerteza marcados, entre outros aspectos, pelo fechamento momentâneo do comércio, pelos hospitais abarrotados, por estudantes dispensados das aulas, pelos anúncios de remédios (milagrosos) que poderiam curar a gripe - água tônica de quinino, balas à base de ervas, purgantes, incluindo até receita caseira de cachaça, limão e mel.²

Ajustando as lentes e a ampulheta para os dias de hoje, temos por certo que este será um tempo olhado e contado não de forma panorâmica na história da humanidade. Como ensina Jacques Le Goff, a história é incapaz de prever e de predizer o futuro. Não obstante, verdades irão se acumular diagnosticando e explicando o vivido para aqueles e aquelas que estão por vir. Assumindo nossa incapacidade de produzir uma narrativa universal, nos colocamos como narradores em potencial de uma memória em perspectiva e questionamos: que “zoom”, que recortes deste tempo ofereceremos para compreender as práticas corporais no campo da Educação Física e do Esporte? Casas transformadas em academias, tutoriais e prescrições de higiene, aulas de Educação Física Escolar à distância, jogos virtuais, consumo on-line. Soma-se a isso os Ambientes Virtuais de Aprendizagem substituindo as relações presenciais nos cursos superiores de Educação Física tentando imprimir uma normalidade em tempos de anormalidade... O que diremos a respeito de um tempo de resignificação e de restrição do convívio social? Que efeitos este tempo terá capacidade de arrastar para as relações sociais no período pós-pandêmico?

Gostaríamos de finalizar as reflexões com uma possibilidade que se anuncia num período de distanciamento social, mas que paradoxalmente pode representar uma aproximação, sobretudo com as pessoas de nosso convívio próximo. No seu célebre ensaio intitulado “O narrador”, Walter Benjamin alertou para a perda da capacidade humana de intercambiar experiências. Ele demarcou, por exemplo, que os combatentes sobreviventes da Primeira Guerra Mundial

¹ Dois trabalhos que podem ajudar a aprofundar questões referentes à pandemia de 1918 são a tese de doutorado de Liane Maria Bertucci, intitulada “Influenza, a medicina enferma: ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo”, defendida em 2002 na Universidade Estadual de Campinas e a dissertação de mestrado de Adriana da Costa Goulart, intitulada “Um cenário mefistofélico: a gripe espanhola no Rio de Janeiro”, defendida em 2003 na Universidade Federal Fluminense. Importa registrar que ambas as autoras indicam que a nomenclatura “espanhola” não guardava necessariamente relação direta quanto ao “local” de surgimento da gripe, mas sim, como uma forma de “culpabilização” mais complexa, envolvendo questões políticas, sociais e, no limite, xenofóbicas. Nos dias atuais, a prática de algumas autoridades em identificar o novo coronavírus como sendo um “vírus chinês” não parece mera casualidade.

² Um compilado de alguns acontecimentos daquele período pode ser acessado em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/infograficos/2018/09/epidemia-de-gripe-espanhola-no-brasil-mata-presidente-faz-escolas-aprovarem-todos-os-alunos-e-leva-a-criacao-da-caipirinha>



COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE – DN

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Rua Felizardo, 750, Jardim Botânico, Porto Alegre, RS
e-mail: cbcedn@gmail.com - Telefone: (41) 3360-4201

retornaram aos seus lares “mais pobres em experiência comunicável”. O “frágil e minúsculo corpo humano” havia sido impactado pelo cenário de explosões, violência e aniquilamento de seus semelhantes. Com isso, a capacidade de se comunicar desvaneceu; desapareceram também o dom de ouvir e as comunidades dos ouvintes. Benjamin, então, nos adverte sobre a importância de comunicar nossas experiências e de saber ouvir os conselhos dos mais vividos. A experiência que “passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores”. E continua: “o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se ‘dar conselhos’ parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis [...]. O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria”.

O momento atípico em nosso presente cotidiano não poderia se configurar como uma oportunidade para retomar algumas dessas capacidades humanas? Ouvir e narrar...

- *Ouvir e narrar: esse é um tempo de distanciamento ou aproximação social?*
- *Narrar e ouvir: como avivar a oralidade em tempos da cultura da imagem?*
- *Ouvir e narrar: como ressignificar o espaço em tempo de dinamismos das relações sociais?*
- *Narrar e ouvir: o que as práticas corporais nos ensinam em ciclos pandêmicos?*

Afinal, como será a história narrada da história vivida?

30 de abril de 2020,

GTT “Memórias da Educação Física e Esporte” e Direção Nacional do CBCE.